

Ler poesia com “olhos simultâneos”

Leer poesía con “ojos simultâneos”

Renata Caroline Penzani
Universidade Federal Fluminense (UFF)
renatapenzani@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0721-7897>

“Escrever depura o que se vê”, escreve Ana Estaregui (2025, p. 53). A autora demonstra o que diz: “desenho a palavra *tamanduá* prestando atenção a seu movimento longo” (Estaregui, 2025, p. 57). De repente, imaginamos a palavra pela sua forma, o que ela alcança por ter um corpo que é exatamente como é. O primeiro círculo está feito, e, como num refrão, voltamos a pensar com o poema: *escrever depura o que se vê*.

Então, o que vê a poeta em *Fazer círculos com mãos de ave* (Editora 34, 2025)? Vê o bicho e o humano além do humano, vê os rituais e vê a própria palavra *ver*. Se não podemos fixar um sentido absoluto em poesia, há aqui um sentido que se sobressai, aquele que permite ver em “todas as direções” (Estaregui, 2025, p. 58).

se pudéssemos enxergar com a mesma nitidez
do beija-flor — batendo pálpebras como asas
talvez percebêssemos o mundo voando para trás
[...]
o animal de todas as direções
é como os poemas (Estaregui, 2025, p. 58).

São os olhos acurados que apontam nos versos “a infinita distância entre o pensamento e a letra” (Estaregui, 2025, p. 93), em um livro que escreve com os elementos, os animais e as plantas para nos mostrar como, afinal, o mundo visível não é só o que parece: “o poema está sob o poema” (Estaregui, 2025, p. 98).

Por não (querer) saber, seguimos. Ler primeiro as epígrafes é um modo de começar a perceber o que a poeta nos dá a ver. É o canto, o bicho e é o fogo que estão lá.

‘e ‘e ‘e ‘e ‘e
‘e ‘e ‘e ‘e ‘e
‘e ‘e ‘e ‘e ‘e
‘e ‘e ‘e ‘e ‘e

‘e ‘e ‘e ‘e ‘e
‘e ‘e ‘e ‘e ‘e
‘e ‘e ‘e ‘e ‘e (Estaregui, 2025, p. 7).

Do canto-poema da etnia Huni Kuin, Ana Estaregui passa a Clarice Lispector:

Isto não é um lamento,
é um grito de ave de rapina. (Estaregui, 2025, p. 7).

Depois, uma terceira epígrafe autoral:

para acordar a terra um canto
para acordar o canto um fogo
para acordar o fogo outro fogo
o coração sobre a terra (Estaregui, 2025, p. 9).

Encontramos neste começo uma preparação de leitura. Se não estamos em uma enunciação convencional, é preciso ao menos saber o porquê. Em *Fazer círculos com mãos de ave*, os poemas falam pelos pássaros, os bichos falam pelo fogo, o fogo fala pelo canto. A sugestão desde o título é a de uma coreografia que marca uma torção ontológica: não é do ser humano a voz central nessa poética “que nasce de uma visão de mundo e de linguagem menos antropocêntrica e mais próxima das perspectivas indígenas”, como escreve o pesquisador Alexandre Nodari (Estaregui, 2025, s.p.) no texto de orelha da edição.

Ao deixar de lado a excepcionalidade do sujeito racional, o livro vai ao encontro dos rios, das plantas e das criaturas da terra — essas forças englobadas na natureza conforme a conhecemos em tradições ocidentais. No entanto, o que está em jogo aqui é notar que “há uma harmonia secreta / entre as conchas e a cordilheira” (Estaregui, 2025, p. 32). E não só isso. Este conjunto de poemas também busca dialogar — talvez principalmente — com os seres que surgem de outras cosmovisões, como os elementares e o sagrado que evocam os Yanomami, Huni Kuin e Orang Rimba. O que o leitor experimenta é uma mudança de linguagens pela linguagem, uma troca de ponto de vista. “A poesia sempre foi o lugar privilegiado para isso” (Estaregui, 2025, s.p.), diz Nodari.

O que parece estar no centro dos poemas de Estaregui são os “encontros capazes de nos outrarem” (Nodari, 2015, p. 45) ao nos tirarem da “imobilidade” (Nodari, 2015, p. 45) de uma voz única, nos termos de Alexandre Nodari no texto “A literatura como antropologia especulativa” (2015). Essas conexões intencionais

colocam *Fazer círculo com mãos de ave* em zona fronteira, um limiar possível entre literatura, etnografia, xamanismo poético, antropologia. Em uma leitura de “devoração”, nas palavras da própria poeta, lemos seguindo as pistas entre uma borda e outra, sabendo que, “no poema um pássaro não é um animal / no poema o animal não é um animal” (Estaregui, 2025, p. 36).

somos feitos de tudo o que vemos
cavalos deuses sorvetes uma mesa
tudo se decalca — a guerra e os lírios
[...] nada se distingue completamente (Estaregui, 2025, p. 36).

Aqui vale um breve desvio do sobrevoos em Ana Estaregui no esforço de lê-lo com atenção ao que ele *não* é: um percurso estanque. Se a escritora argentina María Negroni acertou quando escreveu, em *O coração do dano*, que “se há para onde ir não há escrita” (Negroni, 2023, p. 82), ao tentar percorrer os caminhos anunciados para chegar até onde vão estes poemas, esta resenha seria então uma desobediência, um contrassenso. Ou, quem sabe, caberia ao leitor sondar se está de fato diante de uma escrita, e não de uma dança outra. “Ao dançar produzimos formas de dizer / parentescos com as árvores / vínculos com os insetos” (Estaregui, 2025, p. 32).

No livro *A arte do erro* (2022), Negroni descreve o valor de ler uma obra como um corpo livre, disposto a *expedições e aventuras*. “Um dos mal-entendidos mais antigos em matéria literária (e que também pode ser estendido a todo campo da arte) é aquele que se empenha em classificar as obras em categorias, gêneros, escolas, ali onde, em sentido estrito, não há mais que autores e artistas, isto é, aventuras espirituais e expedições difíceis” (Negroni, 2022, p. 7).

“Escrever a forma das coisas”

Lançado em novembro de 2025, *Fazer círculos com mãos de ave* é o quinto volume de poemas de Ana Estaregui, mestra em Literatura e Crítica Literária pela PUC São Paulo. São de sua autoria os livros *Chá de jasmim* (Patuá, 2014), *Buracos* (Jota, 2015 — e-book experimental), *Coração de boi* (7Letras, 2022) e *Dança para cavalos* (Círculo de Poemas, 2022; publicado também em Portugal — Língua Morta, 2022). Este seu título mais recente é uma continuidade da investigação poética e acadêmica de Estaregui em torno dos contornos entre cultura e natureza, animalidade e escrita literária na poesia contemporânea. Atualmente, a autora desenvolve a pesquisa “Animal animal: escrever o bicho-paisagem? Uma

investigação poética”, doutoramento em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP.

Chegamos ao objeto livro também prestando atenção em suas formas. *Fazer círculos com mãos de ave* está dividido em nove capítulos: 1. O poema como um círculo que se abre no espaço; 2. Um som que se refaz de trás pra frente; 3. Traduzir uma neblina traduzir um barco; 4. Às vezes o movimento é mesmo ínfimo; 5. Uma estrofe que nunca existiu; 6. O poema retira as palavras do mundo; 7. O voo é indistinto para quem voa; 8. Coisas contáveis coisas incontáveis; e 9. Todo voo é destino quando visto do alto.

É possível notar uma circularidade na composição do conjunto. Os poemas abrem e fecham com um movimento que pode ser visto no ar, passando pela leitura fina do detalhe que só é percebido pelo olhar atento e a noção de que o ponto de vista altera o que é visto; depois de ler um poema escrito com a intenção de fazer ver, não seremos mais os mesmos: agora, veremos outras coisas — não só o fenômeno em si, mas seus avessos e contrários. “Poemas são formas concisas de anotar” (Estaregui, 2025, p. 65).

Vale a pena reparar também nas referências que o livro ressoa. Na seção “Notas sobre alguns poemas” (Estaregui, 2025, p. 140), a autora explicita algumas trilhas. Então, conhecemos Inu Yube, jovem aprendiz de pajé que nos ajuda a ler a primeira epígrafe, ao evidenciar que se trata não de um som meramente audível, mas de uma mensagem sensível que só a natureza extra-humana pode captar. Conhecemos também o Hampaya ou batismo de pimenta, ritual de iniciação indígena em que o bico do pássaro japim é mergulhado em uma mistura de pimenta e aplicado como um vetor na língua dos aprendizes, para que eles recebam o aprendizado das aves e de seus cantos.

Nesta seção, aparecem ainda a evocação de deuses e provérbios indígenas, ensinamentos de pajés e versos místicos que percorrem uma espiritualidade que dialoga com diversas percepções do divino, em uma perspectiva mais preocupada em expandir a linguagem do que encerrá-la em visões estritas.

Vêm daí alguns enlaces incomuns, como podemos ler nos versos “O olho por onde eu vejo Deus é o mesmo olho por onde ele me vê”, do escritor e místico polonês Angelus Silesius. O poema é conhecido no Brasil pelo cancionista popular, na voz de Maria Bethânia, incluído na canção *Olho d’água*¹, composta por Caetano

¹ A música *Olho d’água* integra o álbum homônimo de 1992, e também permite ler a primazia do olhar como um dos sentidos supremo da poesia, além de também dialogar, assim como Estaregui, com os agenciamentos da mata, da fauna, do reino mineral e do mundo espiritual, em um lirismo deslocado do humano para o mais que-humano. “Corre arregalada a matéria-prima essencial / O vero olho da terra é o cristal d’água (...) Pupila, iris, pálpebra, retina / Ah! se esse olho d’água filtrasse / A sentina do mundo e da minha alma”.

Veloso e Wally Salomão. Em uma valorização dos devires filosóficos, há também nessa parte do livro a demonstração do entrelaçamento com o pensamento filosófico europeu, representado por Gilles Deleuze em seu *Diferença e repetição* (2018 — original: 1968).

o verso imita a onda
não porque esta o aconselha — faça como eu
ele a repete não para copiá-la
mas por saber sua infinita diferença (Estaregui, 2025, p. 38).

Para além do diálogo visível com culturas indígenas e agenciamentos vegetais, animais, minerais e espirituais, o leitor pode procurar também, no decorrer do livro, outras pistas de entrelaçamentos, dessa vez com vozes literárias, mais particularmente com autorias contemporâneas. Junto com Estaregui, continuamos a “dar ao sopro um contorno aberto” (Estaregui, 2025, p. 110), exercitando a possibilidade de pensar que “os poemas não pertencem a ninguém / eles apenas pairam entre as cabeças / são mariposas em busca de claridade” (Estaregui, 2025, p. 99).

Se essas vozes ficam menos explícitas em referências diretas, podem aparecer como um rastro de trilhas compartilhadas, uma espécie de espírito do tempo. Se Estaregui nos traz “que a escrita pode ser uma força que se apaga enquanto se faz” (Estaregui, 2025, p. 17), também nos perguntamos se também não seria o caso de um poema acender outro, como fagulhas de um interesse comum e de atravessamentos similares. Poetas que comungam uma apreciação da poesia semelhante, não só pela escrita de poemas, mas também pelo pensamento crítico, teórico e ensaístico. Júlia de Carvalho Hansen, em *Seiva veneno ou fruto* (2016), Marília Garcia em *Pensar com as mãos* (2025), e Luiza Leite, em *A superfície dos dias: o poema como modo de perceber* (2024), são algumas das produções recentes que podem ser lembradas nessa leitura, em diferentes aproximações com a forma das palavras, a transcendência do real, as linguagens de vidas não humanas e as possibilidades da natureza de reinventar o mundo. De volta à poesia de Estaregui, lemos alguns vestígios: “Primeiro perguntamos aos pés / pela vaga lembrança do tremor / em qual memória da sola se desenharam” (Estaregui, 2025, p. 21); ou “O longo poema está se fazendo há milênios” (Estaregui, 2025, p. 49).

Ao convidar a ver por baixo e por trás das coisas, encontrar enfim o poema “sob o poema” (Estaregui, 2025, p. 98), *Fazer círculos com mãos de ave* sugere leituras de simultaneidades e semelhanças, de vinculações e afinidades, como o velho que a poeta descreve em um dos poemas, aquele “que fica mais cego e quanto

menos ele vê / mais sabe o quanto tudo se assemelha” (Estaregui, 2025, p. 88). Enquanto escreve e se inscreve em múltiplas vozes, o livro afina o desejo de compreender a escrita como uma realização que perturba os registros únicos. “olhar com olhos simultâneos / olhar e ver: isso aqui é o fim do mundo / e com sorte salvaremos a transparência” (Estaregui, 2025, p. 47).

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

ESTAREGUI, Ana. *Fazer círculos com mãos de ave*. São Paulo: Editora 34, 2025.

GARCIA, Marília. *Pensar com as mãos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2025.

HANSEN, Júlia de Carvalho. *Seiva veneno ou fruto*. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2016.

LEITE, Luiza. *A superfície dos dias: o poema como modo de perceber*. Coleção Círculo de poemas. São Paulo: Fósforo, 2024.

NEGRONI, María. *O coração do dano*. Trad. Paloma Vidal. São Paulo: Poente, 2025.

NEGRONI, María. *A arte do erro*. Trad. Ayelén Medail e Diogo Cardoso. São Paulo: 100/cabeças, 2022.

NODARI, Alexandre. *A literatura como antropologia especulativa*. Revista da Anpoll, Florianópolis, SC, no. 38, p. 75-85, jan./jun. 2015.

Recebido em: 02/05/2026

Aceito em: 23/06/2026

